



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**  
 Nome: Alessandro de Melo  
 E-mail: [alessandrodemelo2006@hotmail.com](mailto:alessandrodemelo2006@hotmail.com)  
 Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste, Brasil

Submetido: 02/04/2019  
 Aprovado: 21/10/2019  
 Publicado: 09/07/2020

 [10.20396/rho.v20i0.8655089](https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8655089)  
 e-Location: e020026  
 ISSN: 1676-2584

Checagem  
 Antiplágio



Distribuído  
 Sobre



## RENOVAÇÃO DO MARXISMO NA ARGENTINA: JOSÉ ARICÓ E A REVISTA PASADO Y PRESENTE

  Alessandro de Melo<sup>1</sup>

  Ana Claudia Marochi<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo tem o objetivo de analisar uma parte da obra de José Aricó (1931-1991), intelectual argentino, fundador da Revista Pasado y Presente e um dos grande introdutores das ideias de Antonio Gramsci em seu país e na América Latina. O que se pretende estudar é a recepção da obra gramsciana pelo autor no movimento de ruptura de Aricó e seu grupo com o Partido Comunista Argentino - PCA, que se deu nos fins dos anos 50 e início dos anos 60. A característica mais importante na recepção das ideias de Gramsci naquele período e na conjuntura argentina, foi a renovação do marxismo gramsciano em relação à prática e à teoria do PCA, marcadamente stalinista, segundo a avaliação do grupo de Córdoba, do qual Aricó foi um dos grandes expoentes. Com o estudo do pensamento de José Aricó tem-se a intenção de apreender dois processos distintos: em primeiro lugar, analisar a sua leitura da obra de Gramsci e a crítica ao marxismo de caráter positivista, que o levou a ser expulso do PCA, juntamente com outros integrantes “gramscianos”. Por outro lado, possibilitar a realização de leituras mais densas e articuladas com as realidades de nossos países. O objeto principal da leitura são os dois Manifestos publicados por Aricó na Revista Pasado y Presente, nos anos de 1963 e 1964, por meio dos quais podemos compreender o que aqui se entende por renovação do marxismo na obra do autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Aricó. Marxismo. Revista Pasado y Presente. Gramsci e América Latina.



## RENOVATION OF MARXISM IN ARGENTINA: JOSÉ ARICÓ AND THE PASADO Y PRESENTE MAGAZINE

### Abstract

The article aims to analyse a part of the work of José Aricó (1931-1991), who was an Argentinean intellectual, founder of the *Pasado y Presente* magazine and one of the great introducers of the ideas of Antonio Gramsci in his country and in the Latin America. What if it pretends to study is the reception of the work Gramscian by the author in the movement of rupture of Aricó and his group with the Communist Party Argentine - PCA, which took place in the end of the years 50 and beginning of the years 60. The most important feature in the reception of Gramsci's ideas during that period and in the Argentine juncture was the renewal of Gramscian Marxism in relation to the practice and theory of the PCA, notably Stalinist, according to the evaluation of the Cordoba Group, of which Aricó was one of the great exponents. With the study of the thought of José Aricó, we intend to apprehend two different processes: first, analyse his reading of the Gramsci's work in his critique of Positivist Marxism, which led him to be expelled from the PCA, along with other gramscian's members. On the other hand, it provides the possibility of making more dense and articulated readings with the realities of our countries. The main object of the reading are the two manifests published by Aricó in the *Pasado y Presente* magazine, in the years 1963 and 1964, through which we can understand what is meant by the renewal of Marxism in the author's work.

**Keywords:** José Aricó. Marxism. *Pasado y Presente* magazine. Gramsci and Latin America.

## RENOVACIÓN DEL MARXISMO EN ARGENTINA: JOSÉ ARICÓ Y LA REVISTA PASADO Y PRESENTE

### Resúmen

El artículo pretende analizar una parte de la obra de José Aricó (1931-1991), que fue un intelectual argentino, fundador de la revista *Pasado y Presente* y un de los grandes introductores de las ideas de Antonio Gramsci en su país y en América Latina. Lo que si pretiende estudiar es la recepción de la obra gramsciana por el autor en el movimiento de ruptura de Aricó y su grupo con el Partido Comunista Argentino - PCA, que tuvo lugar en fines de los años 50 y inicio de los años 60. La característica más importante en la recepción de las ideas de Gramsci en ese período y en la coyuntura argentina fue la renovación del marxismo gramsciano en relación con la práctica y la teoría del PCA, notablemente estalinista, según la evaluación del grupo de Córdoba, del que Aricó fue uno de los grandes exponentes. Con el estudio del pensamiento de José Aricó, pretendemos aprehender dos procesos distintos: en primer lugar, es leer elanalizar su lectura de la obra de Gramsci en su crítica del marxismo positivista, que lo llevó a ser expulsado del PCA, junto con otros miembros "gramscianos ". Por otro lado, aporta la posibilidad de realizar lecturas más densas y articuladas con las realidades de nuestros países. El objeto principal de la lectura son los dos manifiestos publicados por Aricó en la Revista *Pasado y Presente*, en los años 1963 y 1964, a través de los cuales podemos entender lo que significa la renovación del marxismo en la obra del autor.

**Palabras-clave:** José Aricó. Marxismo. Revista *Pasado y Presente*. Gramsci y América Latina.



## INTRODUÇÃO

A intenção deste texto é a de iniciar uma discussão sobre o pensamento de José Aricó e a renovação do marxismo na Argentina. Pretende-se delinear os aspectos presentes no momento do rompimento deste autor e do grupo de marxistas da cidade de Córdoba com o Partido Comunista Argentino, o PCA, processo que se desenrolou em fins dos anos 50 e início dos anos 60. O capítulo mais importante deste processo foi a fundação da *Revista Pasado y Presente*, cujo primeiro volume apareceu em abril de 1963.

José Maria Aricó nasceu em Córdoba, Argentina, em 1931, e faleceu em Buenos Aires, em 1991. Sua atuação no campo da militância se deu predominantemente na organização cultural, segundo a clássica terminologia gramsciana. “Pancho”, como era conhecido, foi um dos pioneiros a introduzir a obra de Antônio Gramsci em seu país. Sua atividade política estava intrinsecamente vinculada a seu fazer de maior projeção, qual seja, o de empreendedor cultural. Foi pela famosa revista *Pasado y Presente* que seu nome e o grupo do qual fazia parte tornou-se de fundamental importância para o pensamento da esquerda latino-americana. Aricó também foi editor na sucursal argentina da clássica Editorial Siglo XXI, que imprimiu e imprime uma grande bibliografia marxista.

Aricó não se constitui como um intelectual acadêmico com uma trajetória típica, até porque não se graduou em nenhuma carreira de nível superior, embora sua obra seja referência em diversas universidades e para os estudiosos de Marx e Gramsci. Outro traço importante de sua vida é que Aricó se projetou como figura latino-americana ao trabalhar no México, a partir de 1976, onde dirigiu a Biblioteca do Pensamento Socialista e também ajudou a fundar a importante revista *Controversia*. De inspiração claramente gramsciana, Aricó também fundou na Argentina o *Club de Cultura Socialista*, localizado em Buenos Aires e até hoje em atividade, bem como a *Revista Ciudad Futura*.

Mesmo não sendo tradicionalmente graduado, seus conhecimentos e experiência o levaram ao Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – CONECIT, que é uma importante instituição de financiamento de pesquisas argentina. Ainda alcançou conquistar a beca Guggenheim, em 1985. Somente na sua última fase da vida conseguiu uma carreira na universidade e viver o mundo acadêmico argentino.

A escolha de Aricó como objeto de estudo não é sem razão, afinal sua militância editorial e intelectual o tornou, um dos mais importantes marxistas de nosso continente, e também um dos maiores divulgadores da obra de Marx e Gramsci. A leitura de sua obra demonstra a extrema capacidade de “Pancho” para sistematizar a presença de Marx (ARICÓ, 2010, 2012) e Gramsci (ARICÓ, 1988, 2005) na América Latina, além de contribuir com as muitas traduções para o castelhano das obras clássicas do marxismo, tanto na Argentina quanto no México.



Estudar José Aricó desde o Brasil é uma porta de entrada para uma melhor compreensão dos processos políticos da América Latina, e isto é fundamental para as análises marxistas e, particularmente, as de cunho gramsciano, já que não se pode abstrair que as lutas políticas, as análises e as estratégias e táticas transformadoras devem partir do terreno concreto em que vivemos, e este terreno em que nos movemos não pode ser resumido ao nosso país, senão à nossa estrita ligação histórica com a América Latina.

Outro importante significado do estudo da obra de José Aricó é a relação entre intelectuais e trabalhadores, no mesmo plano que a vida e obra de Marx, Lênin, Gramsci, e, por suposto, de Aricó, são exemplos. A universidade não pode ser uma ilha isolada das necessidades práticas de formação da classe trabalhadora, e disso bem sabia Aricó e seu grupo, que teve estrita ligação com o movimento operário de Córdoba e Buenos Aires.

O texto está dividido em duas partes. A primeira parte é dedicada ao contexto teórico e político da ruptura do grupo de José Aricó com o Partido Comunista Argentino e a fundação da revista *Pasado y Presente*, em 1963. A segunda parte dedica-se a uma análise dos dois “manifestos” de Aricó nesta mesma revista, sendo o primeiro o manifesto inaugural da revista, publicado no primeiro volume, e o segundo, denominado *Examen de consciencia*, publicado um ano depois. Em ambos é possível uma aproximação bastante consistente dos aspectos que aqui chamamos de renovação do marxismo na Argentina.

## A POLÊMICA DO GRUPO DE CÓRDOBA COM O PCA

A entrada de Aricó ao marxismo, ainda na década de 50, deve-se à influência de Héctor Pablo Agosti, jornalista argentino (1911-1984), que foi um dos mais importantes intelectuais do Partido Comunista Argentino – PCA, e um dos divulgadores da obra de Gramsci no partido. Seu vínculo com o mestre superou a distância entre Córdoba e Buenos Aires e iniciou com a colaboração no periódico *Cuadernos de Cultura*<sup>3</sup>, revista de filosofia e política do PCA, e na edição dos *Cadernos do Cárcere*, de Gramsci, para a Argentina.

Na década de 50 Agosti ousou, e a palavra expressa bem o intento deste intelectual, renovar o marxismo no interior do PCA, introduzindo a obra de Gramsci mesmo que, por vezes, sem fomentar claramente a sua presença (BURGOS, 1999)<sup>4</sup>. Neste período Agosti também contava com a parceria de outro jovem que se tornaria um intelectual de grande estatura, Juan Carlos Portantiero (1934-2007), companheiro de Aricó até sua morte, e que foi assumidamente um discípulo para Agosti. É deste movimento de renovação do marxismo, fundado pela crítica do intelectual, ensaísta e militante Oscar del Barco (1928-), das parcerias com Portantiero e Agosti que nasce *Pasado y Presente*, sem dúvida uma das grandes iniciativas culturais da esquerda latino-americana.

O mais importante livro teórico de Aricó, *Marx y América Latina* (ARICÓ, 2010), resume sua aproximação com o fundador da filosofia da práxis. O objetivo deste “texto



fundador”, conforme o definiu Carlos Franco em clássica apresentação ao texto, é o (des)encontro do marxismo com a América Latina. Nas palavras do apresentador do texto de Aricó:

*Reconstruir la historia constitutiva del marxismo en América Latina no fue exclusivamente una imposición metodológica sino también, y acaso de modo más notable, un “ajuste de cuentas” de Aricó con su propia práctica política e intelectual. (FRANCO, 2010, p. 51).*

A fonte gramsciana do pensamento marxista de Aricó é também fundadora do texto, já que sua origem se dá nas reflexões e críticas de Aricó às proposições da III Internacional e sua relação com a América Latina e a própria Argentina. É importante lembrar que um dos capítulos mais importantes dos *Cadernos do Cárcere* de Gramsci foi dedicado à crítica do pensamento marxista da III Internacional, e especialmente à obra de Bukhárin, em quem Gramsci enxergava um desvio mecanicista em relação ao pensamento de Marx. Este pensamento marxista de base positivista teve graves consequências ao ser mecanicamente transferido para análises e ações em nosso continente, o que é evidenciado em vários momentos da obra do importante gramsciano brasileiro Carlos Nelson Coutinho (2011).

Outro ponto que se constituiu em objetivo de Aricó foi diferenciar entre a obra de Marx e os marxismos, especialmente aquele hegemônico a partir da II Internacional e consolidado na III Internacional, caracterizado por seu mecanicismo. Por isso Aricó se destacou por buscar na própria obra marxiana seus fundamentos, distinguindo-a dos marxismos posteriores. Segundo Burgos (1999), foi no interior do PCA que, pela primeira vez, a obra de Gramsci alavancou a crítica aos partidos comunistas e à III Internacional. Aricó, por ele mesmo, define a controvérsia que pretendia o grupo cordobês no empreendimento da crítica ao marxismo oficial:

*Para el grupo cordobés era una manera de probar hasta donde podían debatirse problemas ideológicos o no ideológicos en el interior del partido. No era una preocupación gnoseológica lo que estaba en juego, sino la posibilidad de llevar adelante una crítica sobre muchas otras cosas, pero en lo fundamental sobre una política, sobre una forma de concebirla y un modo de practicarla. Remendando a Marx, pensamos que la crítica del cielo metafísico era el modo concreto en que podíamos llevar a cabo, en las condiciones vividas dentro del partido, la crítica de la política [...] Gramsci era un caso ideal porque ponía a prueba un sistema defensivo en lo ideológico que había que erosionar si se deseaba efectivamente dinamizar alternativas de cambio [...]. (ARICÓ, 1988).*

As discussões que empreenderam elementos do grupo cordobês de *Cuadernos de Cultura*, especialmente Oscar del Barco, mas que também contempla plenamente as posições de Aricó, focaram-se na questão da objetividade, utilizando-se para isso o aporte gramsciano. Mas, de fato, a discussão filosófica era apenas um meio para a discussão política, necessária para a renovação da filosofia marxista no interior do PCA. A fonte estava nos *Cadernos do Cárcere*, na crítica de Gramsci a Bukhárin e seu materialismo metafísico, não dialético. Foi nestaa polêmica aberta a partir de fins dos anos 50 e inícios dos anos 60 no *Cuadernos de Cultura* entre o grupo cordobês e o PCA, que Gramsci aparece destituído apenas de seu caráter



moral, de um homem guerreiro, forte, que enfrentou o fascismo e morreu no cárcere de Mussolini. Gramsci aparecia publicamente como teórico marxista, e, como ficou claro para os membros cordobeses, e para Aricó especialmente, o PCA não aceitaria esta perspectiva renovada do marxismo gramsciano. (BURGOS, 1999).

O marxismo de José Aricó aparece com toda força nos argumentos utilizados por Oscar del Barco em seu artigo *Notas sobre Antonio Gramsci y el problema de la 'objetividad'*, publicado nos *Cuadernos de Cultura* em setembro de 1962. Não se pode negar a identidade presente entre esta perspectiva e a que Gramsci utilizou na crítica a Bukhárin e sua concepção metafísica da objetividade. Como é sabido, o marxismo de Gramsci tem como fundamento justamente que a realidade histórica é resultado das ações humanas em sociedade, ou seja, resultado das relações concretas entre homens os seres humanos e entre estes homens e a natureza, dependentes, portanto, do tempo e do espaço em que se dão tais relações. Neste sentido, a Objetividade somente poderia ser pensada nesta perspectiva histórica. A defesa de uma objetividade independente dos homens, metafísica portanto, não é uma concepção dialética, pois não dá aos verdadeiros atores sociais a prevalência da ação na consecução da realidade. A objetividade é uma concepção de mundo e uma filosofia, não um dado ahistórico e metafísico.

A questão da subjetividade que advém desta discussão é também resolvida em outra chave por Gramsci, e sua solução é adotada pelos comunistas argentinos de Córdoba. A subjetividade em Gramsci nada mais é que o “historicamente subjetivo”, ou seja, aquilo que é o homem, seu conhecimento, sua potencialidade, suas relações sociais concretas em determinado momento histórico. Assim, a ciência pode ser a “objetivação mais objetivada”, a objetivação mais universalizada, mas não pode ser a realidade mesma. A ciência é o conhecimento historicamente situado, concepção diametralmente oposta de qualquer tentativa metafísica/positivista.

Ademais, é bom recordar que não se encontra em Marx nenhum subsídio para uma concepção mecanicista da objetividade, ou seja, em Marx a realidade não “é”, ou seja, não possui uma condição independente do sujeito do conhecimento. Em toda sua obra desenvolve este argumento, que é, no entanto, explicitado na segunda Tese sobre Feuerbach, em que afirma que a questão da verdade não é um problema teórico, mas sim um problema prático, ou seja, depende dos homens que a constituem e constroem. (MARX, 2019). Em Marx o pensamento e a verdade objetiva não estão isolados dos sujeitos e nem da prática em que estes se envolvem em sociedade.

O artigo de del Barco publicado em 1962 pelo PCA, gerou forte reação interna no partido. Foi Raúl Olivieri o responsável pela resposta do PCA ao artigo de Oscar del Barco. Na verdade, a polêmica somente foi encerrada com o número de maio-junho de 1963 dos *Cuadernos*, em que publicou-se uma resposta de Oscar del Barco e, simultaneamente, uma crítica de caráter institucional do PCA. (BURGOS, 1999). O encerramento da polêmica, por



parte do PCA, exigia uma autocrítica de Oscar del Barco, numa demonstração de autoritarismo e pouca abertura à renovação do marxismo, que foi cunhado de revisionista. A não aceitação à capitulação levou à sua expulsão do partido em 1963.

A sequência de fatos é interessante para retratar o clima institucional do PCA, que, ademais, não se diferencia da regra dos partidos comunistas do período:

Não obstante, essa autocrítica nunca chegará. Um mês antes da saída do número de *Cuadernos de Cultura* que encerrava a polêmica, tinha aparecido em Córdoba uma nova revista, *Pasado y Presente*. A polêmica deflagrada quase imediatamente pelo primeiro número da revista, junto com as consequências do debate em *Cuadernos de Cultura*, marcou o fim da passagem de Gramsci pelo Partido Comunista Argentino. Depois do pedido de retratação e “autocrítica”, virá finalmente a expulsão, pelo Partido, do grupo que sustentava a posição de del Barco e editava a revista *Pasado y Presente*. O grupo, denominado a partir de então por amigos e adversários, elogiosa ou criticamente, como “os gramscianos”, passará a ser o novo “portador” do pensamento de Gramsci na Argentina. (BURGOS, 1999, p. 50-51).

Portanto, toda a atuação do grupo cordobês, os “gramscianos”, que fizeram a crítica radical ao marxismo oficial do PCA, se dá em torno da revista *Pasado y Presente*. José Aricó vai se constituindo neste período na polêmica com o PCA, com o rompimento pela expulsão do partido, pela construção da *Pasado y Presente*, e, em termos de ideias, sob a forte influência de Antonio Gramsci. Mas também as condições locais da cidade de Córdoba, seu forte processo de industrialização (a “Turim argentina”, em alusão à Turim em que atuou Gramsci na Itália) e, portanto, das contradições e desenvolvimento do movimento operário, são fatores importantes a serem somados na caracterização deste intelectual e de sua atuação e interpretação da realidade.

## OS “MANIFESTOS” DE ARICÓ NA REVISTA PASADO Y PRESENTE

A primeira edição da revista foi publicada em abril de 1963, e o seu primeiro texto, de autoria de José Aricó, trata-se explicitamente de um manifesto de *Pasado y Presente*, que mostrava os principais pontos de divergência do grupo com o Partido Comunista Argentino. Inclusive foi de tal monta a ruptura que Aricó afirmará posteriormente que foi o texto responsável pela expulsão do grupo do partido. (ARICÓ, 2005). No longo artigo que leva o nome da revista, é sintomática a escolha da seguinte epígrafe de Gramsci (1999 *apud* ARICÓ, 1963, p. 1):

*Como y por qué el presente es una crítica del pasado ademas de su superación. Pero, el pasado debe por eso ser rechazado? Es preciso rechazar aquello que el presente criticó en forma “intrínseca” y aquella parte de nosotros que a él corresponde? Que significa esto? Que debemos tener conciencia exacta de esta crítica real y darle una expresión no sólo teórica sino política. Vale decir, debemos ser más adherentes al presente que hemos contribuído a crear, teniendo conciencia del pasado y de su continuarse (y revivir).*



A abertura da revista com esta epígrafe, que leva a uma revisão dos princípios metafísicos da objetividade e da realidade, é de fato uma provocação a *Cuadernos de Cultura* e ao PCA. Esta epígrafe, bem escolhida para os objetivos do grupo, e de acordo com a polêmica já citada, remete ao oposto da concepção metafísica de realidade, já que impõe a necessidade de avaliar o presente como criação, ou seja, resultado das ações de indivíduos e grupos sociais historicamente localizados (historicismo absoluto, como denomina Gramsci à Filosofia da Práxis).

Com isso, o grupo de *Pasado y Presente*, ao utilizar Gramsci para afirmar a necessidade de aderir ao presente, realiza uma crítica ao PCA, que encontrava-se isolado da realidade argentina, presos a concepções mecanicistas que não davam conta de interpretar as necessidades do seu tempo e espaço.

O acento deste manifesto inicial de *Pasado y Presente* está na questão geracional e nas novas exigências do tempo em que viviam, sem, claro, desprezar o passado, mas impondo a ele a crítica necessária para uma avaliação do presente pela via histórica. Uma nova geração, afirma Aricó, nasce:

*Cuando en la orientación ideal y práctica de un grupo de seres humanos unidos más que por una común experiencia vital, se presentan ciertos elementos homogéneos, frutos de la maduración de nuevos procesos antes ocultos y hoy evidentes por sí mismos.* (ARICÓ, 1963, p. 02).

A expressão geracional do grupo *Pasado y Presente* afirma a necessidade da análise crítica de traços da realidade que já não se pode mais ocultar. Este ocultamento é fruto da dogmática comunista do PCA, que tinha uma “mumificada” concepção de mundo e da Argentina, presa a certos arcabouços teóricos que não davam conta de explicar as transformações e a própria história do país, quiçá então organizar a massa dos trabalhadores para a ação transformadora.

A nova geração também não aceitava mais o receituário das cartilhas comunistas importadas da União Soviética, e que, de fato, não explicavam o seu país e sua realidade. Além do mais era necessário construir junto ao proletariado uma direção para a realização de uma ampla reforma intelectual e moral, algo que o PCA não havia sido capaz de lograr.

A aproximação com os trabalhadores deve ser um processo realista, que leve em conta as incrustações históricas presentes na classe fundamental, que Aricó denomina como “[...] *resíduos corporativos, prejuicios, incrustaciones de ideologías provenientes de otras clases, que le impiden comprender con la profundidad que exigen las circunstancias la tarea histórica que debe realizar como futura clase dirigente del país.*” (ARICÓ, 1963, p. 03). O papel dos marxistas militantes é a de compreender esta situação e propor a superação deste processo secular de alienação da classe trabalhadora, o que é o ponto de partida para uma ampla reforma intelectual e moral. Sem o realismo da análise, afirma Aricó, é impossível a atuação dos marxistas revolucionários no alcance da hegemonia no próprio seio da classe trabalhadora.



Uma dura crítica ao PCA é feita a partir da análise de um texto do político italianoe Gianc Carlos Pajetta (1911-1990), que vale destacar pela capacidade de síntese no que se refere ao rompimento geracional e também teórico e político. Assim a expressa Aricó (1963, p. 04):

*No habremos aprendido de nuestra expericnecia y de nuestra doctrina si creyéramos que poseemos una verdad bella y terminada y exigiéramos a los demás hombres que vinieran a aprenderla, como un fácil catecismo. Entonces nuestro partido no estaría vivo, no vería afluir a los jóvenes con entusiasmo y con heroísmo, sería un museo o una galería de solemnes oleografías o simplemente un partido conservador en vez de revolucionario.*

Parece que a fala de Gian Carlos Pajetta assume um tom, no texto de Aricó, de uma síntese em que se baseou o grupo de Córdoba na crítica ao PCA. À não discussão de princípios dogmáticos se sobrepunha a necessidade e vontade radicais dos jovens da nova geração de analisar a realidade argentina e de agir com mais coerência, tendo em vista os fins a serem alcançados, que passava pela aproximação com os trabalhadores, nas fábricas, visando a direção do processo de reforma moral e intelectual.

O “catecismo” marxista-leninista, via Partido Comunista soviético, não era suficiente e nem eficiente para a construção de estratégias próprias, de caráter nacional-popular, estratégia que não era adotada pelo PCA. Mas é justamente este grupo do marxismo oficial aquele que na avaliação de Aricó não havia logrado ser o “moderno príncipe”, ou seja, o condutor do processo de reforma moral e intelectual da classe trabalhadora, no sentido de conquistar a hegemonia. O partido, afirma o autor, não conseguiu nem ao menos fazer introduzir o marxismo no seio dos trabalhadores, e isso porque foi o responsável por um grande distanciamento entre a liderança do partido e a sua base, uma distância que impossibilita qualquer ação transformadora.

Neste distanciamento reside também uma compreensão do marxismo e de sua filosofia da história. Para os que acreditam que a revolução é questão de tempo, que as contradições da sociedade capitalista de *per se* levam necessariamente ao rompimento com este sistema, não seria necessária a ação cotidiana, de instrução, de convencimento, de ilustração, de lutas conjuntas, com os trabalhadores. Muitas vezes o que ocorreu foram alianças dos comunistas com setores da burguesia, porque este deveria ser o caminho natural da sociedade, ou seja, a revolução burguesa primeiramente, e depois a revolução comunista<sup>5</sup>.

A esta posição dogmática com relação à história, Aricó e seu grupo, pautados por Gramsci, reproduzem a ideia do historicismo absoluto:

*El proceso histórico no es una pura discontinuidad valorable por ello sólo desde el presente. Es una unidad en el tiempo, una cadena de acontecimientos donde cada presente contiene ‘depurado’ y ‘criticado’ todo el pasado. Si no existisse esta continuidad dialéctica no tendría sentido el devenir histórico, no podíamos concebir un labor de recuperación del pasado y de proyección hacia el futuro, una política de transformación revolucionaria. Sería el reinado del arbitrio, de la libertad absoluta y no de un telos. (ARICÓ, 1963, p. 06).*



Desde esta perspectiva é possível valorar a concepção de história como ação dos seres humanos, e não algo pré-definido já nas linhas dos fundadores da filosofia da práxis. São os homens que fazem a história, e há de analisar em cada contexto as forças sociais presentes e a capacidade que cada uma delas tem para alcançar a hegemonia na sociedade. O movimento histórico presente pode e deve ser avaliado pela consequente análise histórica, demonstrando os atores e grupos que determinaram no passado os desenvolvimentos dos fatos e como os grupos presentes guardam heranças deste passado ou trazem novos elementos e projetos para o futuro. Em síntese, a história não possui um guia preconcebido, que determina seu caminho, mas é sempre construída e reconstruída pelos homens grupos humanos em sociedade.

E, ademais, lembrando Gramsci:

*Es imposible determinar de antemano lo que se conservará del pasado en el proceso dialéctico. Esto deriva del proceso mismo que en la historia real siempre se desmenuza en innumerables momentos parciales. La acción política deviene momento historiográfico cuando modifica el conjunto de relaciones en las que el hombre se integra. Cuando conociendo las posibilidades que ofrece la coyuntura histórica sabe organizar la voluntad de los hombres alrededor de la transformación del mundo. (ARICÓ, 1963, p. 07).*

É este o desafio que se colocava a nova geração de *Pasado y Presente*, cujo nome já revela esta relação intrínseca de história e presente como base para um projeto futuro. Não é possível determinar o que se conservará do passado no presente, pelo menos de antemão, mas só através das ações humanas na luta pela transformação. É partindo da “realidade dos fatos” que se produz conhecimento sobre a conjuntura histórica da ação coletiva, e não com ideias preconcebidas a partir de doutrinas alheias à realidade, como se o capitalismo fosse um uniformizador das relações mundiais, e, assim, apenas tivéssemos uma saída para a sua superação.

A concepção “humanista” do marxismo, afirma Aricó, encontra-se no cruzamento de história e política, mas não um humanismo abstrato, e sim prático, uma regra de conduta que orienta a ação transformadora. “*Un humanismo que reivindica a la política como la más elevada forma de actividad del hombre, en cuanto su acción dirigida a transformar la estructura de la sociedad contribuye a modificar todo el género humano.*” (ARICÓ, 1963, p. 07)<sup>6</sup>.

Esta filiação da política com a história o grupo argentino a encontrou em Gramsci e Antonio Labriola, filósofo e teórico marxista italiano (1843-1904). Estes, afirma Aricó, como ninguém depois de Marx, Engels e Lênin, souberam dar vida à filosofia da práxis.

O trabalho de reforma intelectual e moral que cabe à camada de intelectuais sempre teve nas revistas um foco importante, inclusive pode-se mirar na própria atuação pré-carcerária de Gramsci, que foi um fundador de revistas voltadas para a conscientização e mobilização da classe trabalhadora, partindo da ideia de que esta mobilização seria mais eficaz a partir do momento em que os trabalhadores tomem conhecimento da realidade, sistematizada pelos



intelectuais que possuem esta função específica de homogeneizar uma determinada concepção de mundo e sistematizar a leitura conjuntural.

O objetivo era contrapor à ação “anti-cultural” das elites argentinas uma “[...] *una nueva cultura de masas que signifique una toma de conciencia más profunda, más dialéctica de la vida real y que sólo puede darse en la medida en que se de una presencia autónoma, independiente en el plano ideológico y político de la clase obrera.*” (ARICÓ, 1963, p. 11). E *Pasado y Futuro*, sendo uma revista editada desde Córdoba, cidade muito distante de Buenos Aires, centro cultural, político e econômico do país, deveria levar em conta esta especificidade.

Córdoba havia se tornado uma cidade industrial desde os anos 20-30 do século XX, com a presença da indústria automobilística, o que fez com que se formasse na cidade um classe de operários fabris que dinamizou o cenário social da cidade. A característica de concentração da cidade aproximava fisicamente diferentes grupos, como estudantes, intelectuais e trabalhadores. A intenção é que a aproximação fosse orgânica, e que houvesse um processo de atração dos trabalhadores para o projeto do grupo.

O desafio do grupo era o de compreender o significado real, histórico e social, da introdução da grande indústria na cidade e da formação de um operariado qualificado, de técnicos e estudantes.

*Se trata en resumen del surgimiento de un mundo hasta cierto punto nuevo, diferente, que exige ser penetrado en sus particulares rasgos distintivos para poder actuar eficazmente sobre él [...] Lo que de ninguna manera significa ‘provincializar’ su empeño, reducir su cuota de generalidad, ya que los fenómenos que observamos en la ciudad son parte de un proceso más vasto de modificaciones de la vida económica y social que comenzó a producirse en los preámbulos de la segunda guerra mundial. (ARICÓ, 1963, p. 12).*

Córdoba é como a Turi de Gramsci. É preciso descortinar este mundo criado pela grande indústria, pois está nele a síntese das contradições do capitalismo. Ao mesmo tempo que cresce a indústria cresce o seu contraditório. À ascensão da burguesia se coloca o crescimento da classe trabalhadora, e isso numa cidade em que se concentram os processos sociais, em que esta contradição é visível e cotidianamente vivenciada. Córdoba, assim, é um *locus* perfeito de atuação para um grupo “gramsciano” que reivindica uma reforma moral e intelectual. *Pasado y presente* seria um grande instrumento para isso. O público alvo da revista seria este “homem novo” surgido da grande indústria cordobesa, o operariado que acreditava-se ser o agente revolucionário por excelência<sup>7</sup>.

A fábrica, acreditava Aricó, é ao mesmo tempo o lugar da exploração e o lugar da conscientização e da produção da hegemonia, como já havia afirmado Gramsci no Americanismo e fordismo. (GRAMSCI, 1988). Claro que a análise de Aricó nos idos de 1963 aparenta uma leitura um tanto mecânica deste texto de Gramsci e sua importação para o caso de Córdoba. Não se tratava do mesmo cenário analisado pelo revolucionário italiano, e nem muito menos, passados cerca de 30 anos do escrito carcerário, de reproduzir a questão do “gorila



amestrado”, como fez com insistência Aricó em seu manifesto inaugural de *Pasado y Presente*. Mas de certa forma compreende-se esta concepção se se leva em conta a proposta de superação do processo de alienação fabril:

*La superación de la alienación debe por ello comenzar allí donde surge, vale decir, en la propia fábrica, en la recomposición ‘subjética’ de las relaciones humanas que la división del trabajo recompone ‘objetivamente’ en la unidad total de un proceso de trabajo que da como producto objetos que no emanan simplemente de la labor de uno u outro de los trabajadores sino de todos en su conjunto. Son las organizaciones propias del trabajador al nivel de las fábricas, las ‘comisiones internas’ las destinadas históricamente a cumplir esa función porque son ellas las únicas que pueden concebir en términos de futuro a las empresas, no como simples succionadoras de beneficios sino como centros de la actividad creadora del hombre. (ARICÓ, 1963, p. 14).*

Percebe-se por este trecho a recuperação das comissões de fábrica como mecanismos de base para a consecução do projeto hegemônico, pois as fábricas são consideradas o *locus* da produção das contradições mais radicais do capitalismo. Caberia aos intelectuais este intercâmbio orgânico com os trabalhadores, uma aproximação que não se ativesse à superficialidade, mas que fosse marcada pelo compartilhamento de um projeto coletivo, da formação de uma vontade geral, de caráter nacional-popular.

Para isso somente uma base categorial mais “oxigenada”, como era o pensamento de Gramsci, poderia dar um impulso vital organizativo. Mas o grupo de Aricó reivindicava não apenas Gramsci, mas o próprio Marx, numa chave que compreende sua “antropologia”, ou seja, sua obra como o pensamento dos homens sobre os homens, como atesta, por exemplo, os Manuscritos de 1844, citado por Aricó como uma fonte privilegiada do grupo. Tanto é assim que no primeiro número da revista, em abril de 1963, Oscar del Barco assina um artigo intitulado *Carlos Marx y los manuscritos económico-filosóficos de 1844*. (DEL BARCO, 1963). Ademais, outros artigos deste volume indicam uma discussão filosófica sobre a objetividade e outros temas, claramente inspirados nesta chave marxiana da década de 1840.

A questão da subjetividade presente na obra de Marx foi então retomada como um tema de extrema relevância para a organização das ações de transformação.

*Cuando las condiciones maduran para grandes transformaciones sociales el aspecto de la subjetividad pasa a ocupar el primer plano de la reflexión filosófica y social: esto explica la actualidad concreta de toda la problemática marxista del 1844 y de las categorías de **alienación, trabajo alienado, exteriorización, reificación**, que tanto escozor provocan en algunos marxistas contemporáneos partidarios da ‘vulgata’, y al mismo tiempo explica el creciente interés de los jóvenes estudiosos marxistas por los aspectos antropológicos y metodológicos de **El Capital**, hasta ahora estudiado unilateralmente sólo desde su aspecto económico. (ARICÓ, 1963, p. 14).*

A partir destas premissas, *Pasado y Presente* tem como horizonte o cruzamento de dois grupos sociais: a intelectualidade e os trabalhadores. Há que se criar uma integração entre os intelectuais advindos de outras classes e aqueles produzidos no interior dos próprios



trabalhadores. Aricó defendia, inclusive, que a nova racionalidade técnica das empresas, criaria uma nova camada de intelectuais no seio da classe trabalhadora. E mais, defendia Aricó a necessidade de transformar em intelectuais todos aqueles que “[...] *que cumplen en la sociedad la función de racionalización, dominio y control de cualquier rama de la realidad con la que estén relacionados [...]*” (ARICÓ, 1963, p. 15), e desta forma, transformar todos em pessoas capazes de unificar no pensamento e na ação o que a divisão do trabalho fragmenta. Os artigos de *Pasado y Presente* deveriam cumprir papel de instrumentos para compreensão da realidade, a “[...] *totalidade histórica en la que vivimos.*” (ARICÓ, 1963, p. 16).

José Aricó, como membro fundador, e o grande articulador da *Pasado y Presente*, também escreveu um aporte teórico sobre a revista no seu quarto número, sintomaticamente denominado de *Examen de conciencia*. O objetivo foi o de realizar uma reflexão sobre a revista, o grupo, seus fundamentos, angústias, incompreensões etc. Interessante a síntese:

*Todo esto es parte de nuestra historia, de la pequeña historia de un grupo de intelectuales, casi todos militantes comunistas, que creyó en la posibilidad de impulsar un proceso de renovación ideológica y práctica desde el interior de una estructura que se les presentaba anacrónica y momificada, y que fracasó, aún cuando paradójicamente en su fracaso reside quizás la condición para una futura victoria.* (ARICÓ, 1964, p. 241).

E continua com a avaliação de que o rompimento do grupo pode auxiliar nesta superação, ao demonstrar a caducidade do PCA e suas posições, que, segundo defende Aricó, é uma esquerda velha, pouco inteligente, baseada no discurso e com pouca efetividade resolutive. (ARICÓ, 1964).

Em termos teórico/políticos, o que o grupo de Córdoba demandava era que o marxismo não fosse utilizado como uma teoria apriorística, positivista, ao contrário, defendiam um marxismo colado à realidade, que fizesse um exame detido da história argentina como impulso para as ações, que olhasse o passado como fundamento para o presente e para o futuro. Em outras palavras, era necessário superar o esquema do marxismo positivista de que seria necessário esperar o desenvolvimento “completo” do capitalismo, para, então, com as contradições levadas ao máximo grau, fosse possível realizar a revolução proletária. Esta ideia, por exemplo, foi a responsável por parcerias entre partidos comunistas e setores da burguesia responsáveis pela industrialização, pela modernização etc., que era concebida como a via do desenvolvimento capitalista necessário para a futura revolução.

Uma nota interessante deste texto de Aricó é que, num momento de ironia, revela uma crítica radical à leitura marxista realizada no PCA:

*Habíamos comprendido que la funcionalidad de las claves interpretativas marxistas exigen perentoriamente que emanen de los propios hechos. Porque intuíamos la profunda verdad del marxismo, habíamos hecho lo que nunca se atrevieron a hacer quienes nos lo pretendían enseñar a través de textos adocenados: estudiarlo en sus fuentes, conocerlo a través de sus máximos representantes. Por eso leíamos con avidez a Marx, Lenin y Gramsci y éramos casi los únicos – esto sea dicho sen jactancia –*



*que lo hacíamos en el medio donde actuábamos. Y es claro que no da los mismos resultados prácticos estudiar filosofía en los textos de Kusinen o Kostantinov que hacerlo en los Manuscritos de Marx, los Cuadernos de Lenin o El materialismo histórico de Gramsci. (ARICÓ, 1964, p. 242).*

Desta forma, a partir desta análise, podemos perceber o alcance esperado da publicação desta importante revista, ou seja, desnudar a necessidade de que o marxismo seja estudado e praticado não por via da doutrinação ideológica, mas sim pela conquista de uma leitura dialética de autores dialéticos, como Marx, Lenin e Gramsci. Assim, também, as leituras são base para as ações e concepções práticas de mundo, e, no caso, servem como guias para a construção de análises de conjunturas e, portanto, para as possíveis alianças estratégicas entre grupos etc., o que torna esta leitura mais atual que nunca, dada a conjuntura em que vivemos em nosso país, por exemplo, com o transformismo da “esquerda” e com a ascensão de movimentos conservadores e de um governo claramente profascista.

Aricó afirmava a existência, no PCA, de uma estrutura estalinista, que resolvia as questões políticas com os divergentes por atos autoritários, “administrativos”, punitivos, como foi o caso que levou Aricó e seu grupo à expulsão. E isso mesmo depois de vir à tona os crimes de Stálin e de uma pretensa oxigenação do Partido Comunista, adotada no XX e XXII Congressos, citados por Aricó em seu texto.

O marxismo de *Pasado y Presente* não cabia em doutrinações, em cartilhas. Era vivo, e sua vida derivava da vida social, e não de apontamentos apriorísticos, desconectados da realidade. O marxismo não era uma lição a ser decorada, afirma Aricó, mas assimilada constantemente em sua complexidade, e, mais, em sua potencialidade criadora e interpretativa. Era essa a perspectiva pós estalinismo. Mas não era assim que agiu o PCA naquele momento, fossilizando suas posições frente ao marxismo e às diferenças no seu interior, fechando-se na perspectiva positivista de que a revolução não era obra dos homens, mas da história, que se fazia independente de seus atores fundamentais.

A superação do estalinismo levou também ao questionamento a respeito do que e como deveria ser o partido revolucionário, que, necessariamente, não cabia mais na fórmula centralizadora e antidemocrática soviética. O partido não pode ser o suporte da teoria revolucionária, mas ao contrário, é a teoria revolucionária que deve guiar os princípios do partido, e esta teoria, necessariamente, é derivada da análise da realidade em constante mudança. É, como em Gramsci, uma questão nacional e popular. O PCA, na avaliação de Aricó e seu grupo, errou na estratégia, nas táticas, nos métodos utilizados. O grupo dirigente do PCA não logrou desenvolver uma teoria revolucionária que se coadunasse com a real situação argentina, e, portanto, não ofereceu à classe trabalhadora daquele país e momento uma verdadeira alternativa à política oficial, de cunho populista, convetamente peronista. Era preciso averiguar na sociedade argentina os fundamentos da distância monumental entre realidade e consciência e da “anêmica” inserção do marxismo na “dinâmica real del país”.



*Del análisis de métodos erróneos, de estilos de trabajo autoritarios, que mostraban la existencia de un acelerado proceso de momificación de la organización, llegábamos a la comprensión de que en el fondo de esa quebra de la dialéctica estructural que debe poseer todo partido revolucionario (ruptura base-dirección) existía un déficit de realidad, un desconocimiento del contexto económico-social en el que nos movíamos. (ARICÓ, 1964, p. 243).*

Enfim, a crítica de Aricó é radical neste final de primeiro ano de experiência de *Pasado y Presente*, uma crítica que não mais necessitava ocultar ou minimizar os defeitos do PCA, ou simplesmente, como foi feito no primeiro número, afirmar uma ruptura geracional. Tratava-se de uma radical oposição aos métodos autoritários intrapartidários e, ademais, à inépcia da direção de congregar a teoria revolucionária marxista à realidade argentina e, especialmente, de poder, com isso, penetrar como agente importante na vida cultural do país e da classe trabalhadora argentina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recepção da obra de Gramsci por José Aricó é um capítulo importante na recepção das ideias socialistas na América Latina, e, como tal, não deixa de ser relevante a concepção que tanto este autor como o grupo de *Pasado y Presente* tinham de realizar leituras da obra de Marx, Lênin e Gramsci de acordo com as necessidades que advém da realidade específica da Argentina ou da América Latina, subvertendo um esquema que era comum no marxismo oficial de formar os militantes segundo as cartilhas do marxismo soviético, de cunho positivista. Esta renovação do marxismo pela via gramsciana vem servindo de subsídio para leituras extremamente pertinentes para a explicação da realidade latino-americana, desde Mariátegui no Peru, mas também especificamente no Brasil, como é o caso da obra de Carlos Nelson Coutinho e o conceito de revolução passiva, na obra de Luis Werneck Vianna. (VIANNA, 1997).

O episódio da ruptura e expulsão do grupo de Córdoba do Partido Comunista Argentino também é ilustrativo e cumpre um papel educativo para todos os que militam ou pretendem militar ou formar grupos de discussão e ação que visem a transformação. Aprende-se a necessidade de superação. A de uma militância doutrinária, sem fundamento na realidade ou com uma preocupação de se aproximar dos traços estruturais desta realidade, que, sem dúvida é o primeiro passo para qualquer projeto de reforma intelectual e moral. Foi esta uma das grandes lições que Gramsci socializou das suas leituras de Maquiavel e a política e história italiana, ou seja, a ação política deve se pautar pela “realidade factual” e ainda mais a ação política voltada para os trabalhadores, que é a classe que na história precisa da verdade, quer a verdade, ao contrário da burguesia.

Aricó, junto com Hector Pablo Agosti, Oscar del Barco, e Juan Carlos Portantiero e outros autores argentinos, foram os primeiros a difundirem as ideias de Gramsci no continente, depois de Mariátegui. A obra militante de Aricó como difusor cultural nos forneceu uma



herança de livros e textos traduzidos e de sua própria autoria que são uma riqueza imensurável para a formação das novas gerações. Sendo assim, os movimentos sociais contemporâneos de nosso continente, e de matriz socialista, tem em sua obra e vida uma inspiração substantiva.

## REFERÊNCIAS

ARICÓ, J. Examen de conciencia. **Cuadernos Pasado y Presente**, n. 4, p. 241-265, jan./mar. 1964.

ARICÓ, J. Geografia de Gramsci na América Latina. *In*: COUTINHO, C. N.; NOGUEIRA, M. A. (org.). **Gramsci e a América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ARICÓ, J. **La cola del diablo**: itinerário de Gramsci en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ARICÓ, J. **Marx y América Latina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ARICÓ, J. **Nueve lecciones sobre economía y política en el marxismo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; El Colégio de México, 2012.

ARICÓ, J. Pasado y presente. **Cuadernos Pasado y Presente**, n. 1, p. 1-17, abr./jun. 1963.

BURGOS, R. **Os gramscianos argentinos**: cultura e política na experiência de Pasado y Presente. 1999. 320 f. Tese (Doutorado em Ciência Política), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

COUTINHO, C. N. **De Rousseau a Gramsci**: ensaios de teoria política. São Paulo: Boitempo, 2011.

CRESPO, H. En torno a cuadernos de pasado y presente, 1968-1983. **Seminário de Historia Intelectual del Colegio de México**. México D. F., 2009. Disponível em: <http://shial.colmex.mx/textos/crespo.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

DEL BARCO, O. Carlos Marx y los manuscritos economico-filosoficos de 1844. **Pasado y Presente**, ano 1, n. 1, p. 101-106, abr./jun. 1963.

FRANCO, C. Presentación. *In*: ARICÓ, J. **Marx y América Latina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010. p. 49-70.

GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. *In*: GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 375-413.

GRAMSCI, A. **Cuadernos de la cárcel**. 5 Tomos. Edición crítica del Instituto Gramsci a cargo de Valentino Gerratana. Ciudad del Mexico: Ediciones Era, 1999.



KOHAN, N. Gramsci en Argentina. In: KANOUSI, D. (org.). **Gramsci en América: II** Conferência internacional de estudos gramscianos. México D. F.: Plaza y Valdés, 2000. p. 73-108.

MARX, K. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 07 jun. 2019.

TCACH, C. **De la revolución libertadora al cordobazo**. Córdoba, el rostro anticipado del país. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

VIANNA, L.W. **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

## Notas

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Contato: alessandrodemelo2006@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Pedagoga do Instituto Federal do Paraná (IFPR). Contato: anacmarochi@hotmail.com.

<sup>3</sup> Embora não seja o objetivo deste texto a análise dos *Cuadernos*, remeto à leitura do importante e esclarecedor artigo de Horacio Crespo (2009).

<sup>4</sup> Não é o objetivo aqui delinear as características e a obra de Agosti, cuja influência gramsciana inicia em 1951 com a publicação de *Echeverría*. Mais informações podem ser encontradas no texto de Kohan (2000). O próprio Aricó, em *La cola del diablo* (ARICÓ, 2005) dedica especial atenção à recepção de Gramsci em Agosti, apresentando uma crítica da sua filosofia da história marcada pelo dogmatismo do Partido Comunista Argentino.

<sup>5</sup> Neste sentido reside o centro da crítica de Aricó a Agosti em seu livro *Echeverría*, publicado em 1950. Agosti, pautado por uma concepção mecanicista da história, baseia seu livro na crítica de uma burguesia que, mesmo podendo levar adiante a revolução, a fez apenas pela metade, não a completando (revolução interrompida). O critério lógico de que havia uma possibilidade de revolução burguesa se transforma em critério metodológico e histórico, ou seja, impõe-se à realidade histórica uma vontade teórica, sem que esta necessite de fatos para ocorrer.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que a centralidade da política em Gramsci não significa um rompimento com Marx e o materialismo. A reforma intelectual e moral, afirma Gramsci nas *Notas sobre Maquiavel* (1999) é nada mais que a reforma econômica em sua face prática.

<sup>7</sup> Importante movimento operário cordobês foi a verdadeira insurreição denominada como Cordobazo, que explodiu entre os dias 29 e 30 de maio de 1969. Claramente influenciado por uma posição à esquerda do sindicalismo da Central General de los Trabajadores – CGT, peronista, este movimento iniciou com a coluna dos operários da Renault e agregou trabalhadores da Força e Luz de Córdoba, além de estudantes e demais grupos de trabalhadores. A bandeira imediata dos confrontos com polícia e exército foi a deterioração da economia e as medidas do governo autoritário de Juan Carlos Onganía, que precarizavam as condições de trabalho, como a ampliação da jornada, nas fábricas da Renault, de 44 para 48 horas (o chamado “fim do sábado inglês”). O movimento é uma resposta à forte repressão ocorrida no dia 14 de maio, quando os sindicatos da Força e Luz e dos operários automotivos, dissidentes da CGT protestavam contra as medidas governamentais. Também os estudantes tinham motivações para as ações contra Onganía, já que vinham sendo reprimidos e mortos pela polícia. Em dois dias de confronto foram mortos aproximadamente 60 pessoas, e a repressão aos sindicatos levou à prisão os líderes da revolta. (TCACH, 2012).